

Região e regionalização, novas configurações, novos conceitos: uma proposta de reformulação da regionalização do Estado do Pará.

Clay Anderson Nunes Chagas¹
claychagas@hotmail.com

Este trabalho tem por objetivo fazer uma breve discussão acerca do conceito de região e de regionalização, com destaque para momento a partir das últimas décadas do século XX, o que permitiria uma melhor compreensão da ampliação da complexidade que o conceito assume atualmente. Outro destaque é para as divisões regionais do estado do Pará ao longo do tempo.

A Primeira, a divisão oficial do IBGE – de Mesorregiões e Microrregiões: essa não reflete mais a realidade regional, pois não representam regiões contíguas, homogêneas ou mesmo de planejamento, o que provoca uma lacuna para o “pensar” o Estado. Segunda, a divisão regional mais recente – Doze Regiões de Integração: apesar de apresentar um significativo avanço em relação à divisão oficial do IBGE, ela deixou alguns pontos centrais soltos, principalmente, a questão das variáveis utilizadas para nortear o modelo de regionalização. A dinâmica dos fluxos poderia ter sido mais aprofunda, buscando alcançar melhor entendimento dos pontos de conexão entre os lugares. Finalmente, outro ponto importante seria a diversidade de regionalização para o Estado, utilizadas pelas secretarias estaduais (SESPA, SEFA, SEDUC, etc.), que não permitem pensar a unidade estadual.

O conceito de região e as discussões recentes

Para o entendimento da complexidade da problemática espacial regional presente na atualidade, faz-se necessário compreender a definição e a construção histórica do conceito de região e regionalização, pois entendemos que esse conceito e a metodologia, são dinâmicos e estão diretamente ligados aos aspectos sociais, culturais e econômicos de cada momento histórico, o que permite entender uma diversidade de formas de apropriação e de reestruturação do espaço pelos diversos agentes sociais e econômicos dos quais compõem o cenário das transformações regionais.

Trilhar os caminhos do conceito de região e mesmo de regionalização é uma tarefa árdua, porém necessária, já que as discussões na atualidade trazem à tona a

¹ Geógrafo, Professor Assistente da Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará - UFPA, da Universidade do Estado do Pará – UEPA, e do Centro Universitário do Pará – CESUPA e Doutorando em Desenvolvimento do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônico – NAEA/UFPA.

problemática da região e da regionalização, voltadas principalmente para a compreensão das heterogeneidades sociais, econômicas e culturais, promovendo assim, novas espacialidades contemporâneas.

Para Corrêa (1996), a partir dos anos de 1970, o conceito de região poderia ser interpretado por três grandes definições. A primeira refere-se à região como uma resposta aos processos capitalistas, sendo a região entendida como a organização espacial dos processos sociais associados ao modo de produção. Tratando-se da regionalização a partir da Divisão Social do Trabalho, do processo de acumulação capitalista, da reprodução da força de trabalho e dos processos políticos ideológicos.

A segunda acepção de região é definida como um conjunto específico de relações culturais entre um grupo e lugares particulares, uma apropriação simbólica de uma porção do espaço por um determinado grupo e, assim um elemento constituinte de uma identidade (CORREA, 1996; BEZZI, 2004).

Para Frémont (1980) a região seria um espaço vivido de reconhecimento coletivo, marcado pelas relações dos homens com o seu ambiente, por intermédio dos laços culturais, o que promoveria uma espécie de coesão simbólica.

A terceira acepção estaria vinculada à região como meio para as interações sociais, tratando-se da idéia política da região com base na idéia de dominação e poder constituindo fatores fundamentais na diferenciação de áreas (CORREA, 1996).

Nesse contexto, a região é entendida no seu conteúdo político, ou seja, o papel da dominação e do poder, dentro da sociedade é o fator primordial para a existência da diferenciação regional. Sendo assim, a região desempenha um papel importante na produção e reprodução das relações sociais.

Segundo Raffestin (1993, p. 45) para compreender o conceito de região, faz-se necessário entender primeiramente o território, sendo assim:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) e, qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente... O ator "territorializa" o espaço. Lefebvre mostra muito bem como é o mecanismo para passa do espaço ao território: "A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam: rodovias, canais, estadas de ferro, circuitos comerciais e bancários, auto-estradas e rotas aéreas, etc." O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, releva relações marcadas pelo

poder. O espaço é a “prisão original”, o território e a prisão que os homens constroem para si.

Essa perspectiva apontada por Raffestin (1993), torna-se essencial para compreensão das discussões contemporâneas acerca da problemática da regionalização, para tanto, faz-se necessário abordar a questão com mais detalhe, o que faremos mais adiante.

É importante destacar que as três definições de região que emergem a partir dos anos de 1970, têm em comum o fato de estarem apoiadas na idéia da persistência da diferenciação de áreas, não compartilhando a tese de que o mundo esteja se tornando homogêneo, indiferenciado e, conseqüentemente, as regiões estejam desaparecendo (CORREA, 1996), o que vem demonstrar que mesmo com o avanço do processo de globalização, impulsionado pela disseminação do modo capitalista pelos mais diversos pontos do planeta, não se implementaram como movimento homogeneizador.

Uma questão importante nesse momento seria de identificar a necessidade de retomar a discussão em torno da questão da diferenciação entre o conceito de região e regionalização. Para Haesbaert (1999, p. 17):

(...) Em primeiro lugar, admitimos que regionalização é um processo amplo, instrumento de análise para o geógrafo em sua busca dos recortes mais coerentes que dêem conta das diferenciações no espaço. Por outro lado, região, como conceito, envolve um rigor teórico que restringe seu significado, mas aprofunda seu poder explicativo; para defini-la devemos considerar problemáticas como a das escalas e fenômenos sociais mais específicos (como os regionalismos políticos e as identidades regionais) entre aqueles que produzem a diversidade geográfica do mundo.

A região e regionalização em Geografia estão diretamente relacionadas aos interesses dos agentes envolvidos nos estudos regionais, sendo esses interesses difusões em decorrência da concepção teórica que orienta o trabalho. Podendo assim, assumir uma gama distinta de concepções conforme as escolas do pensamento geográfico.

Santos (1994, p. 102) ressalta a complexidade da questão regional quando afirma:

Não pensamos que a região haja desaparecido. O que esmaeceu foi a nossa capacidade de reinterpretar e de reconhecer o espaço em suas divisões e recortes atuais, desafiando-nos a exercer plenamente aquela tarefa permanente dos intelectuais, isto é, a atualização dos conceitos.

A região continua a existir, contrariando, um grupo de intelectuais que previam o fim da região, devido ao processo de homogeneização do território a partir do processo de globalização. No entanto, a região se apresenta com um nível de maior complexidade jamais alcançado pelo homem. *“Agora nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, de individualização e regionalização”* (SANTOS, 1999, p. 16).

A partir dessa nova perspectiva visualizamos uma “nova geografia regional”, que apresenta como principais definições, segundo Haesbaert (1999, p. 17):

(...) é um amplo, instrumento de análise para o geógrafo em sua busca dos recortes que dêem conta das diferenciações no espaço. Por outro lado, região, como conceito, envolve um rigor teórico que restringe seu significado, mas aprofunda seu poder explicativo; para redefini-la devemos considerar problemáticas como a das escalas e fenômenos sociais mais específicos (como os regionalismos políticos e as identidades regionais) entre aqueles que produzem a diversidade geográfica do mundo.

É importante entender que um dos problemas centrais levantados pela questão regional é a busca da síntese entre múltiplas dimensões do espaço geográfico. A busca por uma síntese, sem que seja exaustiva e que esteja vinculada à produção de uma singularidade coerente capaz de delimitar uma porção contínua e relativamente estável do espaço. Esse é o maior esforço para a geografia regional contemporânea: como criar instrumentos metodológicos, que reflitam na diversidade e apresentem um caráter contigüidade do espaço, principalmente nesse período de globalização e exacerbação do regionalismo.

A proposta de reformulação da regionalização do Estado do Pará

A lógica paraense da (re)produção do espaço não escapa dessa perspectiva regional. É importante entendê-la para promover uma melhor intervenção de políticas públicas que promovam um desenvolvimento equilibrado entre as regiões do Estado do Pará. No entanto, faz-se necessário pensar uma proposta de reformulação da regionalização, que leve em consideração a complexidade dos agentes envolvidos no processo de construção do espaço geográfico e a diversidade regional, a partir das diversas categorias de análise.

Os diferentes momentos históricos de ocupação do território paraense imprimiram marcas. Os “territórios usados”, segundo Santos (2004b), são reflexos da sociedade, e determinam o tipo de relação inerente no bojo do processo da organização da sociedade. É importante entender essas particularidades, (re)produção espacial e societária para compreender a diversidade e complexidade da construção do espaço paraense.

No passado, as regiões se configuravam por meio de processos orgânicos, representados pela territorialidade de uma comunidade de pessoas com certa história detentores de recursos e saberes dotadas de uma certa cultura. A diferença entre área era motivada pela relação direta com o entorno, e a solidariedade, características da região, dava-se em função dos arranjos locais (SANTOS, 2004a). No entanto, as condições atuais fazem as regiões se transformarem continuamente. É nessa perspectiva que temos a intenção de orientar nosso trabalho, objetivando dessa forma, a construção de uma regionalização melhor e que venha a refletir as mudanças verificadas no território nos últimos anos.

9. BIBLIOGRAFIA

AGNEW, J. *From the political economy of regional to regional political economy*. Progress. In: **Human Geography**, 24, 2000. p. 101-10.

BEZZI, M. L. **Região: uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2004.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Região e organização espacial**. 6ª. Edição. São Paulo: Ática, 1998 (Série princípios).

_____. Espaço: um conceito-chave na geografia. CASTRO, I. E. ; GOMES, P. C. C. ; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 8ª. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 15-48.

FRÉMONT, A. **A região como espaço vivido**. Portugal: Livraria Coimbra, 1980.

HAESBAERT, R. Região, diversidade territorial e globalização. In: **Geographia**. Ano I, nº. 1. 1999. p. 15-39. (Revista Eletrônica). Disponível em <www.uff.br/etc > acesso em: 5 de abril de 2008.

_____. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SANTOS. M. **Técnica, espaço e tempo**: Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2004a.

_____. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2004b.